Chapman, A. H. *The Treatment techniques of Harry Stack Sullivan*. New York; Bruner-Mazel, 1978. 235p.

Qualquer tentativa de compreender a obra de Harry Stack Sullivan implica enfrentar duas dificuldades básicas. A primeira, resultante da inabilidade do psiquiatra americano na arte da escrita, que faz da sua obra um conjunto seco, confuso e pesado. A segunda, relativa à originalidade da sua mensagem, para a qual as palavras convertem-se, sob a criatividade do pensador, em instrumentos novos e específicos, porém desacompanhadas da devida explicitação. São ambas as responsá-

veis pela obscuridade e pseudo-hermetismo da teoria de Sullivan, incompatíveis, no entanto, com as características de objetividade da sua proposição central.

Chapman propõe-se neste volume a elucidar os pontos nodais da técnica sullivaniana (o que exige, em primeiro lugar, a definição dos conceitos-chave), fazendo-o, aliás com magistral capacidade de operacionalização ao longo dos 11 capítulos que compõem a obra. Paralelamente, expõe e clarifica diferentes técnicas, oferecendo ilustrações, retiradas quer das obras de Sullivan, quer de encontros psicoterápicos, distinguindo-as por posições antagônicas de outras técnicas irmãs baseadas na psicanálise e na terapia rogeriana.

A sistemática negação, por Sullivan, da possibilidade de conteúdos mentais numa disciplina que se propõe científica, implica o pressuposto de que o objeto da psiquiatria são os comportamentos interpessoais – fatos concretos e reais. Abstrações e sensações, vagas ou profundas, sempre se traduzem em fatos observáveis, sujeitos ao ataque direto na relação psicoterápica, sobre os quais se faz a restauração da realidade e, conseqüentemente, se obtém a redução da ansiedade que bloqueia ou distorce a percepção do paciente.

É nesta exigência científica que se delineia a teoria de Sullivan. Clarificando conceitos vagos e abstratos, testando hipóteses formuladas em conjunto pelo terapeuta e o paciente, reduzindo o nível de ansiedade, examinando cada problema sob diversos ângulos, adotando atitudes não-dogmáticas e interpretativas, analisando as operações realizadas pelas pessoas no sentido de se protegerem contra o desconforto emocional, a técnica propõe-se a auxiliar o paciente a retomar sua saúde mental na medida em que se propicia o aumento do grau de consciência acerca do seu funcionamento interpessoal, para o qual se desenvolvem assimilações progressivas intelectuais e emocionais.

O argumento que condiciona a teoria a um nível objetivo e comportamental se exprime, aliás, com extrema coerência na exposição de Chapman. A abundância de material ilustrativo elimina qualquer tendência a especulações vazias e economiza tempo para compreensão dos objetivos das técnicas. Além disso, Chapman oferece inúmeros exemplos de ações contra-indicadas do psicoterapeuta, seguidas das ações técnicas corretas. Tudo isto faz do livro um excelente guia para psicoterapeutas desejosos de aprender a técnica sullivaniana e também para aqueles que, atuando dentro da nova perspectiva da ciência, empregam aquela técnica ignorando que assim o fazem.

Nos dois últimos capítulos, Chapman apresenta uma bibliografia comentada sobre a obra de Sullivan, que serve de introdução e de orientação à leitura dos trabalhos do psiquiatra americano, cuja importância se vem acentuando nos últimos anos e, finalmente, um magnífico ensaio sobre a técnica da entrevista, que complementa e enriquece o conteúdo do primeiro capítulo, onde se explicitam as atitudes do terapeuta no papel de observador participante.

ELIDA SIGELMANN